

**LINGUAGEM, TECNOLOGIA, GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO:
DEZ ANOS DE DIÁLOGO COM LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI**

**LANGUAGE, TECHNOLOGY, TEXTUAL GENRES AND
TEACHING: TEN YEARS IN DIALOG WITH LUIZ ANTÔNIO
MARCUSCHI**

Ana Elisa Ribeiro¹

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

*Jorge Rocha^{**}*

Instituto de Educação Continuada da PUC Minas

*Carla Viana Coscarelli^{***}*

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Este texto revisita quatro artigos e capítulos de livros da autoria do linguista Luiz Antônio Marcuschi. Os trabalhos focalizados foram publicados ao longo da última década e têm como tema as relações entre novas tecnologias, gêneros textuais, linguagem e ensino. Neste artigo, propusemo-nos reler os textos de Marcuschi e tecer uma reflexão cuidadosa sobre a importante contribuição do linguista da UFPE para os estudos em linguagem e tecnologia, especialmente aqueles inspirados na linguística do texto.

Palavras-chave: Luiz Antônio Marcuschi; Linguística Textual; Gêneros Textuais Emergentes; Linguagem e Tecnologia.

ABSTRACT: This paper reviews four articles and book chapters authored by the linguist Luiz Antônio Marcuschi. The work we focus on here have been published over the last decade and have

¹ Professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia e do mestrado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, doutora em Linguística Aplicada, anadigital@gmail.com; ^{**} Professor e coordenador do curso de Produção em Mídias Digitais do Instituto de Educação Continuada da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, mestre em Cognição e Linguagem, jorgerochaneto@gmail.com; ^{***} Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, doutora em Estudos Linguísticos, cvcosc@yahoo.com.br.

as its main theme the relationship between new technologies, text genres, language, and education. In this article, we decided to reread Marcuschi's texts and make careful consideration of the important contribution of the brazilian linguist of Pernambuco Federal University for studies in language and technology, especially those inspired by theories of textual linguistics.

Keywords: Luiz Antônio Marcuschi; Textual Linguistics; Emergent Textual Genres; Language and Technology.

1 NO TEMPO E NO ESPAÇO ACADÊMICO

Em 1999, o linguista Luiz Antônio Marcuschi publicou o artigo “Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto”, na revista *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Nesse texto, o autor articulava processos referenciais de coesão, seu foco de estudos, à arquitetura do hipertexto, então uma novidade inquietante para os estudos linguísticos ou algo que, segundo o autor, “perturba nossa noção linear de texto” (p. 1). Não se trata de um de seus trabalhos mais famosos, mas certamente este artigo significou uma importante contribuição aos estudos sobre linguagem e tecnologia, ainda em um horizonte em que não eram óbvias as ligações entre os estudos linguísticos e as questões tecnológicas contemporâneas.

Em 2001, Marcuschi provocava uma discussão sobre espaços hipertextuais no artigo “O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula”, na revista *Linguagem & Ensino*, periódico do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (RS), desta vez propondo uma articulação entre novas tecnologias, espaços virtuais de escrita e ensino. Nesse trabalho, o autor resgatava o conceito de “espaço de escrita”, de Jay David Bolter.

Em 2002, em uma conferência do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL, USP), Marcuschi tratava de gêneros textuais que chamou de “emergentes”, dado que surgiam em novos contextos tecnológicos.

Essa conferência transformou-se no capítulo “Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital”, publicado em 2004 na obra *Hipertexto e gêneros digitais*, organizada por ele e por Antônio Carlos Xavier, ambos professores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Na obra *Letramento digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, de 2005, organizada por Carla Viana Coscarelli e Ana Elisa Ribeiro, o linguista retornava às questões de coesão e coerência no hipertexto em um capítulo intitulado “A coerência no hipertexto”.

De 1999 até os dias atuais, passou-se uma década. Se, naquela época, poucos linguistas, programas de pós-graduação e periódicos empreendiam pesquisas e publicavam relatos sobre linguagem, linguística e tecnologia, Marcuschi via no hipertexto e no ambiente digital mais inspiração para os estudos linguísticos, especialmente nas interfaces com o ensino, teorias sobre gêneros textuais e questões de oralidade e escrita.

A contribuição desse pesquisador inspirou inúmeras pesquisas na área, transpondo suas bordas e atingindo reflexões na Comunicação Social e na Literatura. Marcuschi é, ainda hoje, um dos mais citados linguistas quando o assunto é tecnologias, gêneros textuais e sala de aula². Passados dez anos de suas primeiras leituras compartilhadas com o público acadêmico e de suas incursões iniciais no tema do hipertexto, Marcuschi certamente ajudou a incrementar os estudos em linguagem e tecnologias, com tudo o que isso implica em termos de subáreas e linhas de pesquisa, além de ter contribuído para certa abertura do campo da linguística às áreas avizinhas. Em 2010, com a constituição do Grupo de Trabalho em Linguagem e Tecnologia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), é importante que se faça um tributo ao pesquisador, que, mesmo não participando da criação do GT, certamente ajudou a erigi-lo.

2 A LINGUÍSTICA E SEU ESCOPO

Luiz Antônio Marcuschi ficou conhecido pelo sobrenome, já que é autor de textos tidos, ainda hoje, como referência bibliográfica inescapável nos estudos que relacionam linguagem e tecnologia. O autor, com sua fértil produção, não raro distribuída e circulante por meio de manuscritos ainda

² Uma simples busca no Google oferece a enorme quantidade de trabalhos que citam o pesquisador da UFPE. Em março de 2010, por exemplo, o texto “Gêneros textuais emergentes...” aparecia com mais de uma centena de textos relacionados.

preliminares, fazia embaçarem as fronteiras entre áreas como a linguística, a comunicação e a educação.

Esse embaçamento de linhas divisórias aparece em seus textos na forma de ressalvas ou de provocações a pesquisadores de várias áreas. Em outro movimento retórico comum aos textos de Marcuschi, ele se protegia de possíveis críticas às suas análises fazendo questão de tornar claras sua despretensão e sua atividade de ensaísta. No texto “O hipertexto como um novo espaço de escrita” (MARCUSCHI, 2001:108, grifos do autor), afirma que “um longo caminho de reflexões se abre aqui para o *ensino relacionado à produção e à compreensão de textos*”. De outro lado, ressaltava que “não está claro ainda como desenvolver uma política de letramento acoplada a uma nova tecnologia de modo culturalmente sensível” (p. 80), estimulando a investigação sobre hipertexto e ensino. Segundo ele, “os desafios mais sérios do hipertexto estão na área da produção e do ensino e não da tecnologia (...) O hipertexto é um ponto de chegada e não um ponto de partida” (MARCUSCHI, 2001:108). No final desse mesmo texto, Marcuschi apontava a abertura de uma senda para a investigação das relações oralidade/escrita e da emergência de novos gêneros textuais.

Ao longo de sua trajetória nos estudos do hipertexto e das quatro publicações aqui tratadas aqui, Marcuschi manteve seu foco na linguística de texto, com a qual certamente contribuía, sem no entanto tirar a atenção dos problemas que novas tecnologias e novos textos traziam para a sala de aula e para a comunicação, de maneira geral.

3 LINHA, MENTE E TEXTO

Com o artigo “Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto”, Marcuschi abordava o que considerava serem características indispensáveis para o tratamento do hipertexto. Recorrendo a Ted Nelson, criador do termo, ele recordava que esse conceito dizia respeito a uma escrita eletrônica não-sequencial e não-linear, que ofereceria ao leitor acesso a múltiplas informações, em formatos variados. Desse modo, o leitor teria a oportunidade de traçar um caminho de leitura/navegação que não fosse predefinido, tornando-se assim, em certo sentido, coautor do texto final.

Para Marcuschi (1999), a natureza não-linear do hipertexto, com suas possibilidades de leitura/navegação, requeria habilidades diferenciadas do leitor, de modo que ele não se perdesse na busca por informação e não sofresse o que o autor chamava de “stress cognitivo”, termo que empregará em diversos de seus artigos subsequentes.

Os elementos do hipertexto configurariam o que o linguista considerava como um “novo paradigma de produção textual”, o que ensejava maior preocupação com a capacidade dos leitores de integrar e organizar informações múltiplas. As novas possibilidades hipertextuais propiciavam novos modos de ler. Marcuschi propôs, então, oito elementos que ajudariam a compreender a “natureza do hipertexto”: não-linearidade, volatilidade, topografia, fragmentaridade, acessibilidade ilimitada, multissemiótica, interatividade e iteratividade.

A não-linearidade era considerada característica central do hipertexto e dizia respeito às ligações entre os vários nós da rede, elementos que oportunizariam a navegação em busca de informações. A volatilidade estava relacionada à “instabilidade” do hipertexto, ou seja, sua fluidez. Marcuschi apontava que as escolhas e as conexões estabelecidas pelos leitores na navegação hipertextual eram passageiras. Cabe ressaltar, em relação a este ponto, que o autor o considerava forte indício de que o hipertexto fosse um fenômeno exclusivamente digital. Essa consideração seria revista e colocada em xeque pelo próprio autor, ainda neste texto e em outros que trataram do mesmo tema.

Em relação à topografia, Marcuschi recorreu a Bolter³ para apontar que o hipertexto, por não ser hierárquico ou tópico, constituiria um espaço de escrita e leitura que não teria limites definidos. Já a fragmentaridade relacionava-se com a ligação entre pontos visualmente desconectados de informação, propiciando retornos ou fugas. A acessibilidade ilimitada seria o fato de o hipertexto permitir acesso a documentos sem restrições. A multissemiótica relacionaria linguagem verbal e não-verbal, com alto grau de interatividade não encontrável no meio impresso. Tanto a multissemiótica quanto a acessibilidade ilimitada, para Marcuschi, propiciaram interatividade, em uma relação direta entre quem produz e quem consome informação. O último ponto estabelecia a utilização de recursividade de textos ou fragmentos, de modo a manter constante acesso e organização.

A partir desses oito elementos, Marcuschi passou a traçar as condições da textualidade do hipertexto, recorrendo aos pressupostos teóricos contidos na obra *Hypertext and cognition*, de 1996, organizada por Jean-François Rouet e colaboradores (do Centro Nacional de Pesquisa Científica,

³ Para fazer esta revisão de Marcuschi, retomamos diversos autores citados pelo linguista brasileiro, cujas obras não foram diretamente consultadas por nós para a produção deste trabalho, embora as conheçamos. Por isso, não as colocaremos em nossas referências bibliográficas.

CNRS, França), bastante lida no Brasil. Nesse ponto, o linguista brasileiro debruçou-se sobre questões relativas a uma presumível nova textualidade (na produção e na leitura) de uma organização textual que apresentava menos evidências de conexão, ao contrário dos textos impressos com os quais estávamos acostumados a lidar. Blocos, links, parágrafos “soltos”, possibilidade de entrar no texto por qualquer página (a depender do buscador), multilinearidades mais permissivas, ordem menos explícita, menos regularidades traziam a tal “perturbação” à qual o autor se referia em seus textos.

O embaçamento de fronteiras entre leitores e autores também foi abordado por Marcuschi, que afirmava a condição de coautor daquele que lia, selecionava, escolhia entre um trajeto e outro, saltava e recompunha um texto recursivo. O linguista considerou que a leitura se tornava, agora mais evidentemente, um processo de escrita em conjunto. Quanto à não-linearidade, Marcuschi trabalhava a ideia de descentração, fazendo a ressalva de que essa característica não constituía novidade ou exclusividade do texto digital, pois o texto impresso sempre fora passível de ser interpretado de várias maneiras. O autor, afirma, claramente, em mais de um de seus textos, que os processos hipertextuais não eram exclusivos de ambientes digitais.

Mais uma vez recorrendo a um dos autores da obra de Rouet (1996), Marcuschi elencava três elementos constituintes da não-linearidade: 1) a organização dos níveis mais baixos das unidades linguísticas; 2) a maneira de uma informação ser estocada em dada mídia; e 3) as maneiras como os leitores controlam o acesso à informação. Sobre o primeiro ponto, especificou que o texto impresso e o hipertexto seguem a mesma estratégia de linearização. Já o segundo ponto trata de que a diferença entre ambos pode estar nos processos de estocagem (enquanto a do texto impresso é direta, no hipertexto o acesso se dá de forma estratificada ou não há acesso por completo). A diferença maior entre texto e hipertexto, segundo Marcuschi, estaria no terceiro ponto, o controle de seleção da informação, estando este nas mãos dos leitores, no caso do hipertexto. Tais considerações levaram o autor a afirmar novamente que a não-linearidade – principal característica do hipertexto – não era novidade para a construção de sentido. Inédita seria a transformação dessa não-linearidade em um princípio de construção textual.

A preocupação de Marcuschi em identificar princípios gerais adequados à nova arquitetura do texto trazia implicações e desafios voltados a questões processuais e também em relação ao produto (texto). Não por acaso, o

autor trazia para seu trabalho outros cientistas pesquisadores da cognição, como Rouet e mesmo Sperber e Wilson, conhecidos por sua Teoria da Relevância.

As questões que motivavam os trabalhos de Marcuschi eram, em larga medida, relacionadas à compreensão das ações e decisões cognitivas frente às possibilidades estruturais de leitura/navegação que o hipertexto trazia. Exemplificando, Marcuschi recorreu às categorias de Dee-Lucas (1996) referentes ao efeito cognitivo de distribuição das ligações para um mesmo texto: 1) distribuição hierárquica na forma de uma árvore com a visão geral; 2) distribuição em lista; e 3) distribuição da informação no texto tradicional. Na primeira categoria, é possível observar rapidez no acesso e maior facilidade de uso, desde que haja uma definição clara da tarefa que o leitor deve cumprir. O segundo caso, para Marcuschi, tende a ocasionar demora na leitura. A estrutura sugerida no terceiro ponto pode apresentar-se mais viável, desde que a estrutura de acesso à informação tenha definições bem-elaboradas – árvores gerais e tarefas a realizar com a leitura.

A coerência no hipertexto foi sempre uma preocupação do linguista (do texto de 1999 ao de 2005, pelo menos), que buscava evidenciar processos cognitivos que solucionavam questões colocadas pelo hipertexto. Para ele, era essencial que houvesse integração entre leitor e produtor de texto, de modo a possibilitar a construção da coerência em ambiente hipertextual. Essa relação pressupõe a existência de elementos que devem ser observados por quem lê e por quem produz textos. Tal correlação, para Marcuschi, não era de todo difícil de obter. Em ambientes hipertextuais, o leitor poderia contar com um número elevado de possibilidades de navegação e acesso, além do fato de que o produtor da informação não poderia fornecer todos os caminhos possíveis para a leitura.

Com essas análises, Marcuschi traçava uma perspectiva de leitura/navegação do hipertexto associado à ideia de traçado labiríntico, chamando a atenção para o “stress cognitivo”, em tese mais propiciado pelo hipertexto do que pelo texto impresso.

Como uma espécie de apontamento para o futuro, Marcuschi advogava o melhor planejamento do hipertexto, com melhor concatenação. Avaliava ainda que o estudo dos processos de coerência dinâmica tornariam-se responsáveis por orientar a melhor navegação para leitores com menores condições cognitivas.

Uma década depois da publicação de “Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto”, muito foi discutido sobre o enfraquecimento das fronteiras entre leitor e autor em ambientes hipertextuais, assim como a

demanda cognitiva que essa “leitura participativa” requer. Embora em alguns momentos revise sua conceituação básica sobre hipertexto – em relação ao fato de existir somente em ambientes virtuais ou sobre fazer parte de um encadeamento histórico em termos de leitura/navegação –, Marcuschi reconhecia que esses processos não-lineares potencializavam o embaçamento conceitual leitor/autor. Daí advém parte de suas preocupações em relação a reconfigurações cognitivas, preocupações essas que até hoje são percebidas em trabalhos de autores que estudam o hipertexto, como Barabási (2003) e Thorburn e Jenkins (2004).

Tanto as reconfigurações cognitivas quanto a aproximação conceitual leitor/autor encontraram reforços em ambientes hipertextuais digitais, comprovando que as considerações de Marcuschi a respeito do potencial do hipertexto abriam caminho para melhor compreensão desses processos. Soma-se a isso o fato de que novas ferramentas hipertextuais foram desenvolvidas nos últimos dez anos. Pode-se ainda destacar que os elementos da natureza do hipertexto mencionados por Marcuschi, uma espécie de modelo de funcionamento, mantêm-se operacionais.

4 TECNOLOGIAS E ENSINO

“Espaço de escrita” (*writing spaces*) foi a expressão que Marcuschi elegeu no artigo de 2001 (“O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula”), em que tratou de práticas de letramento digital na escola. Dada a nova paisagem midiática, o autor reforçava a importância de uma revisão “do papel da escola no letramento” e da “função do computador no ensino” (MARCUSCHI, 2001:80).

Ao longo de todo o texto, o linguista chamava a atenção para os aspectos ideológicos, “modelados por forças da economia, história e política”, da adoção de tecnologias na escola de maneira ingênua e irrefletida. Segundo o autor, era claro que “a entrada do computador e a escolha dos programas” acarretaria “a introdução de determinados modelos de letramento e a exclusão de outros”. Mais ainda, dizia que “o perigo não mora no instrumento nem na tecnologia, mas no seu uso que não deve tornar-se o foco do ensino” (p. 80).

Esse posicionamento crítico de Marcuschi nem sempre foi ressaltado em obras posteriores, de outros autores que afirmavam se inspirar nele. Em uma infinidade de casos, Marcuschi foi utilizado como referência para trabalhos que encaravam, com ingenuidade, a informática na escola como uma questão de fundo exclusivamente técnico.

Neste trabalho, o linguista buscava apoio em Johndan Johnson-Eilola (1994, na obra *Literacy and computers: the complications of teaching and learning with technology*, organizada por Cynthia Selfe e Susan Hilligoss), mais uma vez em Rouet, em Ilana Snyder (*The electronic labyrinth*, de 1997), tanto obra quanto autora mais tarde conhecidas no Brasil. Também eram citados George Landow, em suas obras iniciais sobre o hipertexto (já o hipertexto 2.0), e, como subsídio ao tratamento de aspectos da textualidade, Michael A. K. Halliday, em abordagem funcionalista da linguística e do letramento, no livro *Literacy in society* (1996), organizado por Ruqaiya Hasan e Geoffrey Williams.

O computador já era considerado, na década de 1990, uma realidade incontornável na escola. Para Marcuschi, o que faltava eram “reflexões críticas a respeito do uso da computação na sala de aula” (p. 81), acusando-se inclusive o despreparo de certas iniciativas. O espanto causado pela chegada do novo espaço de escrita representado pelo computador era visto, neste texto, com surpresa. Segundo o autor, mudanças como o livro manuscrito, impresso e outros espaços deveriam ter preparado a humanidade para a mudança constante de modos de inscrição. O que talvez não ocorresse a Marcuschi é que tais mudanças só ocorrem no que Chartier (2004) chama de “tempo de longa duração”, ou seja, no intervalo de séculos ou milênios, quando as gerações já não guardam memória dos traumas eventualmente sofridos.

No ir e vir quanto às questões da linearidade do texto e da não-linearidade do hipertexto, Marcuschi terminava por admitir a “desmontagem da própria noção tradicional de texto” (p. 81). Evitando a literatura e enfocando o que chamou de “textos de uso”, o linguista trabalhava aspectos da coesão e da coerência, em uma abordagem que articulava linguística textual e novas tecnologias, com novos problemas de pesquisa.

A possibilidade de o leitor escolher o texto ou, mais do que isso, de escolher os trajetos que faria dentro do mesmo texto parecia a Marcuschi bastante definidora de uma nova textualidade. A despeito disso, ele mesmo alertava para princípios multilíneares ou não-lineares que existiam desde sempre, em tecnologias impressas. Admitia também que nada poderia constringer o leitor a uma leitura prefixada, estática ou linear. Dicionários, enciclopédias e catálogos eram lembrados como exemplos impressos da hipertextualidade, muito embora Marcuschi também elencasse jornais e revistas no rol dos textos lineares.

A produção colaborativa já era tema de suas preocupações. Frise-se que o texto ora comentado propunha, em seu título, dedicar-se à produção textual

(e não à leitura). Do ponto de vista das máquinas de busca, é interessante retomar um trecho em que o autor descreve uma lógica já completamente ultrapassada. Segundo ele:

Se alguém entrar em alguma página da INTERNET com o intuito de buscar alguma informação muito específica, certamente vai navegar por muitos canais antes de chegar ao que deseja. Digamos que queira inteirar-se sobre um dado pintor mexicano da atualidade. Após entrar na página de artes, deve seguir para a de museus e desta para os museus na América Latina e então para as artes contemporâneas e chegar ao México para depois de algumas escolhas e leituras atingir seu objetivo. Até aí não aprendeu nada, não satisfaz nenhuma curiosidade e, se não for bom no manuseio da INTERNET terá perdido a si e sua paciência várias vezes. Claro que teria ido direto ao assunto se tivesse à mão o “*site*” daquele pintor. Mas isso não é fácil saber e por vezes *é o que queremos saber*. (MARCUSCHI, 2001:84-85)

Ferramentas como o Google deixaram para trás tanto desconforto. Tal descrição de Marcuschi, hoje, pode ser vista como um relato de valor histórico.

O hipertexto e o labirinto constituído pelos nós interligados (lembrando que labirintos são lugares de onde não se sai facilmente) eram considerados, nesse trabalho, propiciadores de “stress cognitivo”, ou seja, o esforço de leitura seria maior aqui do que em objetos impressos, nos quais não seria preciso escolher, selecionar, procurar tanto.

Mais uma vez, a questão do coautor vinha à tona, agora entremeada com a discussão da produção textual na escola. Escrita e leitura eram grafadas com barra (escritura/leitura), num sinal de adesão do autor à ideia de que leitor e escritor realmente se (con)fundiriam no ambiente digital.

De certo ponto do artigo em diante, Marcuschi passa a trazer reflexões feitas em uma conferência dada por ele no III Congresso da Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED), no Chile. Exemplos da literatura eram, então, chamados para mostrar uma hipertextualidade natural à leitura e ao processamento cognitivo dos textos. Em dado momento, o autor define: “o hipertexto não traz um novo espaço de escrita, mas um novo espaço de textualização, ou seja, vem trazer um conjunto de indagações” (MARCUSCHI, 2001:91). Mais adiante, relata que “muitos se perguntam se um hipertexto é apenas uma tecnologia de aplicação para ligação de textos prévios ou se é simultaneamente uma tecnologia e uma técnica de produção textual” (MARCUSCHI, 2001:91-92).

Esse questionamento enseja que Marcuschi retorne àqueles elementos da natureza do hipertexto mencionados no trabalho de 1999, desta feita relacionando cada elemento aos seus análogos impressos.

Talvez os jornalistas não tenham dúvida, atualmente, da mescla entre tecnologia e técnica de produção de textos. Pirâmide invertida, pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2006) e diamante de informação (*News diamond*, Paul BRADSHAW, 2007) são técnicas de produção absolutamente relacionadas aos meios em que foram escritas e inscritas.

A não-linearidade, a volatilidade, a topografia, a fragmentaridade, a acessibilidade ilimitada, a multissemiótica e a interatividade são novamente abordadas e explicadas por Marcuschi no texto em questão. Um conceito de texto proposto por H. Weinrich, linguista alemão, é utilizado para demonstrar a necessidade contemporânea de se revisarem as concepções de texto e, por extensão, de leitura e de escrita. Segundo Weinrich, texto seria uma produção linguística unitária e contínua entre dois vazios, sendo a fórmula um conciso #T#. Marcuschi acusa a insuficiência desse tipo de definição, o que já nos parece insuficiente desde antes da existência da internet ou do computador. A nosso ver, dizer que texto é sempre uma produção linguística já estaria aquém do que podemos considerar afim com aspectos da leitura e da escrita, especialmente em abordagens semióticas ou de multimodalidade.

Marcuschi insistia em que o hipertexto, “mesmo passando para o leitor o controle cognitivo e informacional”, não era um “agregado aleatório de enunciados ou fragmentos textuais. O hipertexto não é uma sequência de qualquer coisa” (MARCUSCHI, 2001:93-94). E isso preparava o terreno para sua pergunta, que perpassou todos os seus trabalhos ligados ao hipertexto numa abordagem da linguística textual: “quais as condições da textualidade do hipertexto?” (MARCUSCHI, 2001:94). Marcuschi parecia buscar uma resposta a isso, admitindo sempre que “a rigor, ele não é novo em sua concepção, pois sempre existiu como ideia na tradição ocidental” (MARCUSCHI, 2001:94).

Se, para uns, texto e hipertexto não diferiam em nada (exceto pelo prefixo hiper, como lembra Marcuschi, citando Perfetti, 1996), para outros, o hipertexto (ou o texto em camadas bloqueadas em ambiente digital) era uma verdadeira revolução. O linguista brasileiro parecia oscilar entre os dois posicionamentos, admitindo a possibilidade de uma *concepção* antiga propiciada por uma *tecnologia* nova. A denúncia sobre a escassez de pesquisas sérias e empíricas também atravessa os textos de Marcuschi. Para

ele, a linearização é necessária ao nível da palavra e da frase (em qualquer meio), mas não existe no texto, remontando a tempos remotos. Segundo o autor, “a deslinearização é um processo de construção de sentido (e até de textos) muito antigo e normal, não constituindo novidade. A novidade é sua transformação em princípio de construção textual” (p. 98, grifos do autor).

O texto, onde quer que esteja, como uma proposta de sentidos múltiplos; as teorias do texto, especialmente a de Robert de Beaugrande⁴, como expansíveis para o hipertexto; o processamento de dêiticos e ligações correferenciais como elementos de uma hipertextualidade há muito existente e necessária a qualquer ato de compreensão; o encorajamento do leitor ativo; a confusão entre processo e produto, suporte e textualidade, gênero e ambiente (ou espaço de escrita), leitura, escrita e práticas leitoras, tudo isso mantém acesa a curiosidade do pesquisador.

Marcuschi passa então a uma outra articulação: a do hipertexto com a oralidade. Posiciona-se em relação a outros autores, como MAK Halliday, chamando de “exageradas” posições segundo as quais, um dia, em decorrência da existência do hipertexto, a distinção entre fala e escrita será eliminada. De toda forma, o linguista brasileiro admitia a possibilidade de uma integração entre as modalidades escrita e falada, em uma espécie de hibridização. Concordando com Halliday, Marcuschi transcrevia um trecho deste linguista: “os computadores encorajarão os escritores a integrarem mais e mais materiais não-verbais em sua escrita” (MARCUSCHI, 2001:101).

A coerência no hipertexto é o assunto abordado no final do artigo, com a apresentação de diagramas e com a citação de pesquisas que tratavam de aspectos da leitura em ambientes impressos e digitais. Mais uma vez, acusa-se a inexistência de “pesquisas sobre como os usuários se comportam na leitura de hipertextos e qual a eficiência nessas leituras em relação aos textos impressos” (MARCUSCHI, 2001:105), algo que certamente foi entendido por muitos pesquisadores na primeira década do século XXI como um estímulo à pesquisa no Brasil. Diversos trabalhos posteriores ao texto de Marcuschi engajaram-se na busca por respostas a essas questões,

⁴ Segundo definição do autor, “O texto é um evento comunicativo em que convergem as ações linguísticas, cognitivas e sociais, e não apenas a sequência de palavras que são faladas ou escritas”. BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997. Cap. 1

nem sempre obtendo resultados coincidentes⁵. Os dados mencionados pelo autor apontam sempre para o melhor aproveitamento dos leitores em textos lineares e impressos.

A maioria dos trabalhos acadêmicos que abordam o hipertexto e as novas tecnologias fazem uma retomada histórica do tema. Quase sempre cientistas como Vannevar Bush e Ted Nelson são citados como os “pais” do hipertexto. No caso de Bush, houve uma retomada enfática de seu texto “As we may think”⁶, publicado em 1945 na revista *The Atlantic Monthly*, como o lugar do nascimento da ideia de hipertexto. Na história de longa duração de espaços de escrita, é evidente que o hipertexto não nasceu ali, no entanto, essa versão sincrônica e transversal da história é hegemônica, inclusive para Marcuschi. Em dado trecho do artigo de Bush, o autor afirma que nosso pensamento atua por associação, ou seja, de forma não-linear. Isso foi o suficiente para que se conferisse a ele a paternidade do hipertexto (e, por extensão, de tudo o que decorreria daí). Marcuschi retoma essa narrativa, sem deixar, no entanto, de trazer Dillon (em texto de 1996), para relativizar a crença na relação natural entre cognição e informação não-linear. Tratava-se, segundo o linguista brasileiro, de um mito. Propunha-se, então, a pesquisa centrada no “usuário”, mais do que a investigação do objeto isoladamente. E aqui se abre também a possibilidade da pesquisa sobre gêneros textuais que emergiram das interações em ambiente digital, ponto central do texto de 2004, intitulado “Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital”.

5 GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES

Luiz Antônio Marcuschi ajudou a construir definições, categorias e elencos de gêneros textuais ligados à tecnologia digital. Passados quase dez anos da publicação de seu capítulo no livro *Hipertexto e gêneros digitais* (2004), suas ideias continuam sustentando relatos de pesquisa por todo o Brasil.

⁵ Ribeiro (2003; 2008), Coscarelli (1999; 2005) são apenas alguns dos trabalhos que investigaram leituras em telas e em impressos.

⁶ Há uma versão desse texto em língua portuguesa nos Cadernos Viva Voz, da UFMG. Ver RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla (Orgs.). *O hipertexto em tradução*. Viva Voz. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2007. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/labed/cadernosvv.html>>.

Neste texto, o autor começa afirmando que embora os gêneros digitais fossem variados, “a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita” (MARCUSCHI, 2004:13). A perspectiva da “transmutação” ou da “genealogia” iluminava a reflexão de Marcuschi sobre o tema. Com base nesse pressuposto, ele fazia um esforço de categorização e descrição dos novos gêneros, sem abandonar balizas explicitamente ligadas a gêneros impressos. Dessa forma, o chat trazia ares de conversa, os blogs eram parentes dos diários e os e-mails tinham a genética das cartas. Trata-se, portanto, de uma abordagem centrada na cultura impressa.

Marcuschi, no entanto, admitia que esses gêneros não haviam se consolidado. Em 2004, o autor já considerava que mais gêneros adviriam nos próximos anos, todos em relação com novos ambientes e velhas morfologias. A polêmica em torno dos gêneros emergentes perdura. Ainda hoje dezenas de trabalhos são apresentados ou defendidos, explicando ou analisando objetos como blogs, chats, e-mails, fóruns, etc.

Encorajando a pesquisa sobre o tema, o linguista propunha como método uma “etnografia da Internet”, ou seja, a vivência nesse ambiente como tentativa de conhecê-lo, para melhor explicá-lo, com base em um envolvimento autêntico, algo que nem todos os pesquisadores do hipertexto tomaram para si.

No texto de 2004, resultado de uma conferência em uma reunião do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), Marcuschi se apóia em Bolter, mais uma vez, mas também, de forma insistente, em sua leitura do livro *Language and the Internet*, do linguista David Crystal, publicado em 2001⁷. Menciona, diversas vezes, a expressão “letramento digital”, que se consolidou nos anos seguintes, em detrimento de outras expressões semelhantes.

No entanto, o foco de sua atenção recai sobre os gêneros textuais. Baseado em Bakhtin, John Swales e Carolyn Miller, Marcuschi entende os gêneros de texto como situados histórica e socialmente, apresentando propósitos específicos, além de relativa estabilidade composicional e estilística. Para ele, as novas tecnologias propiciavam o reenquadramento da noção de

⁷ Crystal, com alguma frequência, dá entrevistas e aparece nas mídias de massas falando sobre Internet e linguagem. O linguista foi pauta de diversas revistas no Brasil, inclusive a *Veja*, em suas famosas páginas amarelas. Em 14 de março de 2010, Crystal foi destaque no jornal inglês *The Independent*, tratando da linguagem e do Twitter. A matéria, intitulada “Watch what you’re saying!: linguist David Crystal on Twitter, texting and our native tongue”, teve repercussão entre os twitteiros brasileiros.

gênero, e não produziam gêneros novos. No mesmo sentido, insiste-se na perspectiva segundo a qual “com o tempo, percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal” (MARCUSCHI, 2004:18).

Cauteloso, Marcuschi afirma que “o grande risco que corremos ao definir e identificar esses gêneros [digitais] situa-se na própria natureza da tecnologia que os abriga. Seu vertiginoso avanço pode invalidar com grande rapidez as ideias” (MARCUSCHI, 2004:25) que ele expunha. Claramente, o autor trata logo de defender que o hipertexto “não pode ser tratado como um gênero e sim como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros”, dando a eles certas propriedades. Essa lúcida diferenciação continua operacional, já que o hipertexto é uma arquitetura transversal aos gêneros.

Daí em diante, Marcuschi passa a trabalhar sobre alguns gêneros que elege como emergentes: e-mail, chat aberto, chat reservado, chat agendado, chat privado, entrevista com convidado via chat, e-mail educacional, aula-chat, videoconferência, lista de discussão (mailing list), endereço eletrônico (de e-mail ou URL) e weblog. Para cada um desses, o autor propõe uma contraparte na cultura impressa, não raro explicitando dúvidas, inconsistências em sua análise e mesmo deixando em aberto certos intervalos de seus quadros e diagramas. São questões que o intrigam: Chats abertos são contraparte de conversações? Listas de discussão são análogas a circulares? Chats em salas privadas são contraparte de conversações a dois?⁸ As questões levantadas não são respondidas, mas têm o mérito de lançar perguntas de pesquisa no ar.

Marcuschi também tenta elencar parâmetros para a caracterização de gêneros emergentes. Em um quadro (MARCUSCHI, 2004:32), sugere como categorias distintivas e identificadoras do gênero a quantidade de participantes e o tempo (dividido em síncrono e assíncrono). Para suas análises, utiliza uma etnografia na internet, por meio da qual obtém dados para análise e tentativa de enquadramento dos gêneros.

Em um quadro mais complexo (MARCUSCHI, 2004:34-35), categoriza cada gênero emergente em relação à dimensão (relação temporal, duração, extensão do texto, formato, participantes, relação entre eles, troca de falantes, função, tema, estilo, canal/semioses e recuperação de mensagem)

⁸ Júlio César Araújo, professor da Universidade Federal do Ceará, defende, em sua tese, uma organização “constelar” dos chats. Seus trabalhos podem ser encontrados em <<http://www.julioaraujo.com/site/interna/artigos.htm>>.

e ao aspecto (síncrono/assíncrono, rápido ou limitado, longo ou curto, entre vários outros), atribuindo a cada gênero qualificativos como presença (+), ausência (-) ou indiferença (0).

Assim como em seus trabalhos sobre análise da conversação e oralidade, defendia-se um contínuo entre os gêneros da cultura impressa e os emergentes no ambiente digital. Cada gênero objeto de sua análise era, então, explicado, descrito e analisado em tópicos específicos, que, no entanto, propositalmente, também levantavam dúvidas. Chats são abordados em relação a diversos aspectos, especialmente à escrita abreviada que os caracterizava; e-mails são tratados como parentes das cartas; o endereço eletrônico ganha o status de gênero textual, escolha ainda difícil de defender; os blogs ensejam a discussão (com os anos ampliada) segundo a qual podem ser gêneros ou ser apenas softwares em que diversos gêneros se realizam. Marcuschi chega a confessar sua insegurança para abordar os blogs, inclusive afirmando que eles se parecem com homepages, que, segundo o autor, não são gêneros. Sob outro aspecto, o capítulo traz exemplos de programas muito populares na época de sua escrita, mas que hoje podem nem ser lembrados. Esse é um risco que Marcuschi conhecia e assumia, ao tratar de gêneros hospedados em uma mídia volátil.

Ao final do texto, o linguista levanta uma questão bem mais ampla do que o trabalho com gêneros. “De que novo tipo de linguística estamos precisando para dar conta de tudo o que as novas tecnologias produzem? Não sei” (MARCUSCHI, 2004:66). Ele mesmo responde: “Mas sei que a linguística tal como está definida hoje não serve a esses propósitos”, e sugere uma necessária revisão dos postulados teóricos da área. Com o passar dos anos, isso certamente foi feito em muitos casos, inclusive nas fronteiras (ou no contínuo!) entre os estudos de comunicação, sociologia, antropologia, filosofia da linguagem, artes, literatura, ciência da informação, computação, história cultural, educação, etc.

6 A COERÊNCIA NO HIPERTEXTO

Nesse texto, publicado em 2005 na obra *Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, organizada por Carla Coscarelli e Ana Elisa Ribeiro, Marcuschi retoma a discussão sobre a coerência e o hipertexto, deixando claro, mais uma vez, que o que tem sido tomado como inovador, ou seja, a ideia de falta de centro, não é novidade. Citando exemplos de situações cotidianas que não nos causam problema ou dificuldade, ele lembra

que a hipertextualidade não é um fenômeno exclusivo do meio digital. Entre esses exemplos, menciona a leitura de jornal, os tão corriqueiros atos de assistir à televisão ou de caminhar a pé em algum centro urbano. Não perde a oportunidade de levantar a pergunta “gestáltica” sobre se o que vemos são muitos textos ou se é “um grande hipertexto multimidiático” (MARCUSCHI, 2004:188). “Forma isso tudo um hipertexto na vida diária ou são muitos e pequenos textos sempre somados e lidos individualmente? Quem monta as fronteiras entre eles?” (MARCUSCHI, 2004:189). Assim, o autor mostra que é preciso construir a coerência não só na leitura de textos impressos, mas em diversas situações cotidianas que, por sua vez, não costumam gerar problemas por não terem centro, pelo excesso de informação ou pela liberdade de escolha que dão aos leitores.

Para Marcuschi, o advento do hipertexto digital é uma boa oportunidade para se repensar o conceito de coerência, procurando descobrir o que o hipertexto tem a ensinar sobre essa questão. O linguista afirma que a coerência não é propriedade do texto, mas “será *sempre* construída no processo de leitura. Assim, não parece residir neste ponto a particularidade que caracteriza os hipertextos” (MARCUSCHI, 2004:186).

A fim de aprofundar suas reflexões sobre o tema, Marcuschi diz ser necessário pensar sobre noção de língua que serve de base para as discussões sobre esse fenômeno linguístico. Para isso, apresenta duas visões: uma tradicional, segundo a qual a língua é vista como “instrumento de condução de ideias” (MARCUSCHI, 2004:190), de acordo com a qual o texto é um “receptáculo de informações objetivamente sedimentadas e passíveis de serem capturadas com precisão” (MARCUSCHI, 2004:190), e uma outra, defendida pelos linguistas do texto, que considera a língua como forma de ação ou “um conjunto de práticas sociointerativas e cognitivas, sempre situadas” (MARCUSCHI, 2004:196). De acordo com essa segunda concepção, o texto não traz em si o sentido, que deve ser construído pelo leitor, em consonância com a situação comunicativa que se configurar no momento da leitura.

Percebendo haver mais semelhanças do que diferenças nas noções de textos impressos e hipertextos, Marcuschi questiona a consistência das metáforas usadas para apontar uma suposta falta de centro do hipertexto (labirinto, rede), bem como aquelas que sugerem que exista falta de ordenação nele (navegação, *flanerie*). Nessa análise, mostra que os caminhos oferecidos nos hipertextos nem sempre são tão diversos e tão livres. E lembra ainda que o leitor não é um navegador sem rumo.

Ainda em relação à escolha dos caminhos que o leitor tem a percorrer, Marcuschi pondera, com base em afirmações de Burbules (1998) – para quem o leitor do hipertexto tem mais liberdade de escolha – que “tanto um quanto outro formato textual oferecem possibilidades [...] que dependem da estratégia do leitor, e não da natureza do texto em si mesmo” (MARCUSCHI, 2004:195).

Mais uma vez, também, que diz respeito às relações entre autor e leitor, Marcuschi concorda com Ilana Snyder (1998), para quem “o hipertexto esfumaça as fronteiras entre escritores e leitores” –, mas relativiza a afirmação da autora, dizendo que “ainda continuam nítidas as fronteiras entre aquele que lê e aquele que escreve” (p. 194), uma vez que nem sempre é dada ao leitor a possibilidade de fazer modificações no texto.

Como uma cartada final para a discussão da diferença entre textos impressos e hipertextos eletrônicos, Marcuschi lança mão do conhecido conceito de texto de Beaugrande (1977), de acordo com o qual texto é “um evento comunicativo, no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais” (p. 10). Com base nesse conceito, defende não haver necessidade de criar um conceito de texto especial para o hipertexto, uma vez que ele se enquadra bem nessa definição já clássica.

Sendo o hipertexto um texto, a hipertextualidade não traz nenhum problema que mereça tratamento especial no que concerne à coerência. A “noção de coerência não implica, necessariamente, a noção de linearidade, pois todo texto obedece a uma construção multilinear, como observa Beaugrande (1977)” (MARCUSCHI, 2004:201).

Com o bom humor que lhe era peculiar, Marcuschi conclui seu texto:

O mouse na mão do leitor-navegador não traz novidades tão prodigiosas como os arautos da primeira hora imaginaram. Todos podem ficar tranquilos quanto a isso e ninguém deve perder seu sono por causa de alguma arapuca hipertextual na esquina do primeiro link. (MARCUSCHI, 2004:206)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esquina do primeiro link oferecido por Marcuschi foi logo descoberta por inúmeros pesquisadores em linguística, que transformaram a senda aberta pelo professor da UFPE em uma comunidade de práticas e aprendizagens qualificada, intensiva, produtiva e ativa. Educação presencial, educação a distância, estudos de gêneros textuais, metodologias etnográficas ou

centradas no “usuário” foram, ao longo dos últimos dez anos, largamente exploradas, em trabalhos que aprofundaram cada um dos assuntos tocados por Marcuschi.

O que pode deprender dos trabalhos do linguista nos últimos dez anos é que ele tratava os gêneros textuais impressos sob parâmetros ligados a suas contrapartes impressas, algo que nem sempre pareceu se sustentar, mesmo para o próprio autor. Assim como em seus trabalhos sobre oralidade e escrita, Marcuschi sugeria um contínuo também entre os gêneros digitais, defendendo uma hibridação entre fala e escrita encorajada pelas novas tecnologias. Coerência e coesão, ou a linguística do texto, sempre foram a sua preocupação primeira, o que o levava a encontrar no hipertexto mais fôlego para suas investigações. Outro ponto importante de suas considerações, publicadas em diversos artigos ou em trabalhos circulantes na forma de originais datilografados, em versão preliminar, o hipertexto não era novidade, muito embora sua conversão em princípio de organização textual pudesse ser.

Muito embora as respostas a essas questões sejam variadas e incompletas, estamos todos desculpados pelo mesmo motivo que o autor aqui focalizado: escolhemos lidar com um objeto volátil, fragmentado, multissemiótico e de ilimitado acesso, propensos (o objeto e nós pesquisadores) a cair nas “arapucas hipertextuais” sobre as quais nos alertava o mestre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARABÁSI, Albert-László. *Linked*. New York: Plume, 2003.

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a Science of Text and discourse*. Norwood: Abex, 1997.

BRADSHAW, Paul. A model for the 21th century newsroom: pt1 – the news diamond. Online Journalism Blog. 17 set. 2007. Disponível em < <http://onlinejournalismblog.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt1-the-news-diamond/>>. Acessado em 19 de março de 2010.

BURBULES, Nicholas C. *Rethorics of the web: hyperreading and critical literacy*. In: SNYDER, Ilana (Ed.) *Page to Screen*. London e New York: Routledge, 1998.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em 19 de março de 2010.

COSCARELLI, C. V. *Leitura de Hipertextos: relatório de pesquisa*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG: 2005. (mimeo.)

COSCARELLI, Carla Viana. *Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Belo Horizonte, FALE/UFMG, 1999.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, v. 3, p. 21-46, 1999.

MARCUSCHI, L. A. O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino* (UCPel), Pelotas - RS, v. 4, n. 1, p. 79-112, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. A. A coerência no hipertexto. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento Digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROUET, Jean-François et al. (eds). *Hypertext and cognition*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1996.

SNYDER, Ilana (Ed) *Page to Screen*. London e New York: Routledge, 1998.

THORBURN, David; JENKINS, Henry. *Rethinking media change: the aesthetics of transition*. Cambridge: MIT Press, 2004.

